

# PANORAMA ECONÔMICO



FLÁVIA OLIVEIRA (interina)

## Pelas crianças

• Nenhuma faixa etária no Brasil sofre mais com a pobreza do que a das crianças. De todos os brasileirinhos com menos de 5 anos de idade, 38,8% integram famílias miseráveis, com renda mensal inferior a R\$ 61 per capita, insuficiente para suprir suas necessidades alimentares. São elas também que padecem em lares sem saneamento básico, água encanada ou coleta de lixo.

O dia de hoje é mais que adequado à reflexão sobre as condições de vida de nossas crianças. Nos últimos anos, o país avançou muito: 96% delas já estão matriculadas na rede escolar. Mas ainda falta. Estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que 61 em cada cem crianças de 10 a 15 anos têm pelo menos um ano de atraso escolar. Assinado pelos economistas Marcelo Neri e Daniela Costa, o trabalho mergulha nos indicadores sociais infantis e faz um diagnóstico preocupante do futuro do país.

As crianças estão em desvantagem em todas as comparações entre suas condições de vida e a média da população brasileira. Enquanto um quarto dos brasileiros vive na indigência, a proporção chega a um terço entre os 17,133 milhões de habitantes com idade entre 10 e 15 anos — outros 31 milhões têm de zero a 10 anos. Quase metade das crianças vive em residências sem esgotamento sanitário; uma em cada cinco não tem acesso à rede de água; um terço não conta com coleta regular de lixo.

— O mais preocupante é que as más condições de vida das crianças têm implicações de longo prazo. É o futuro do país que está em risco — diz Neri.

As estatísticas da FGV indicam que a trajetória das crianças brasileiras é influenciada não apenas por fatores familiares, mas tam-

bém por questões macroeconômicas. Quanto mais pobres as famílias, maiores as chances de seus filhos não frequentarem a escola e dedicarem-se aos afazeres profissionais. O estímulo ao trabalho é ainda maior para os que vivem em áreas de intensa atividade econômica, como as regiões metropolitanas de Rio e São Paulo.

Dá a importância de programas que condicionem a transferência de renda à frequência escolar, como o Bolsa-Escola. Ou projetos que desestimulem as empresas a contratarem a mão-de-obra infantil, caso dos coordenados pela Fundação Abrinq. Atualmente, segundo Ana Maria Wilhelm, superintendente da entidade, 1.342 empresas brasileiras têm o selo de "Amiga da Criança" por não empregarem nem trabalharem com fornecedores que mantenham funcionários com menos de 14 anos.

Outro presente a ser dado às crianças brasileiras — hoje e sempre — são as ações para combater o atraso escolar, que muitas vezes resulta em evasão. Entre as crianças de 10 anos, segundo a FGV, 41% têm pelo menos um ano de atraso. Entre as de 15 anos, três quartos já repetiram um ano. Nas capitais nordestinas, como Salvador e Recife, o problema atinge sete em cada dez crianças. No Rio e em São Paulo, a proporção é de 62% e 52%, respectivamente. Há muito trabalho a ser feito.

Editoria de Arte

